



## ASPECTOS CONCEITUAIS E EPIDEMIOLÓGICOS DOS CÂNCERES GINECOLÓGICOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

**Laís de Souza Porto** – Universidade do Estado da Bahia  
**Rebecca Soares Fernandes** – Universidade do Estado da Bahia  
**Larissa Hellen da Costa Porto** – Universidade do Estado da Bahia  
**Luzia Célia Batista Soares** – Universidade do Estado da Bahia  
**Marcela Andrade Rios** – Universidade do Estado da Bahia

### Resumo

**INTRODUÇÃO:** O câncer é a segunda principal causa de mortalidade entre mulheres, com neoplasias ginecológicas representando mais de 40% dos casos no Brasil. **OBJETIVO:** Evidenciar o que versa a literatura a respeito dos aspectos conceituais e epidemiológicos dos cânceres ginecológicos. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo de revisão narrativa que iniciou com a análise da incidência dos cânceres ginecológicos a partir de dados do INCA. Foram identificados os tipos mais comuns: câncer de colo uterino, corpo do útero e ovário. A revisão da literatura foi realizada na BVS, Google Acadêmico e sites do Ministério da Saúde. **RESULTADOS/DISCUSSÃO:** O câncer de colo uterino é o mais prevalente, causado principalmente pela infecção pelo HPV. O câncer do corpo do útero, predominantemente no endométrio, afeta principalmente mulheres na pós-menopausa. Já o câncer de ovário é o mais letal e apresenta desafios no diagnóstico precoce, resultando em mais de 50% dos casos já com metástase. **CONCLUSÃO:** A detecção precoce é essencial para o manejo eficaz desses cânceres. As estratégias incluem educação em saúde, vacinação contra o HPV e busca ativa, além de mais pesquisas sobre o rastreamento de cânceres não preveníveis por vacinação.

**Palavras-chave:** Neoplasias do colo do útero. Neoplasias do corpo de útero. Neoplasias ovarianas.

### INTRODUÇÃO

O câncer é responsável pela segunda causa de mortalidade entre as mulheres nos últimos anos, sendo considerado um problema de saúde pública. Nesse interim, os cânceres ginecológicos são responsáveis por mais de 40% das neoplasias que acometem a população feminina a nível nacional (INCA, 2023).



Sendo assim, as neoplasias ginecológicas são aquelas que englobam útero e colo uterino, ovário, vagina e vulva, endométrio e todas as partes do sistema reprodutor, visto que segundo a *International Agency for Research on Cancer* (IARC), no ano de 2018 foram diagnosticados cerca de 1.309.165 casos mundialmente, com uma taxa de 606 mil de óbitos, aproximadamente.

Dessa maneira, observa-se a necessidade de explorar a bibliografia e a epidemiologia para essas neoplasias, destacando sua complexidade e a importância de abordagens integradas para enfrentar o desafio representado por essas doenças. Ainda, o conhecimento detalhado sobre esses aspectos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas eficazes que possam melhorar os resultados em saúde e reduzir o impacto desses cânceres na vida das mulheres.

## OBJETIVO

Evidenciar o que versa a literatura a respeito dos aspectos conceituais e epidemiológicos dos cânceres ginecológicos.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo revisão narrativa, no qual inicialmente foi realizada uma busca no site oficial do Instituto Nacional do Câncer (INCA), acerca da incidência dos cânceres ginecológicos no Brasil, na qual evidenciou que os tumores ginecológicos mais comuns são os de colo uterino, corpo do útero e de ovário.

Posteriormente realizou-se uma revisão narrativa da literatura no intuito de descrever as principais características dos três tipos de cânceres ginecológicos identificados. A busca foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), google acadêmico e sites oficiais do Ministério da Saúde por meio dos termos “Neoplasias do colo do útero”, “Neoplasias do corpo de útero” e “Neoplasias ovarianas”. Utilizou-se como recorte temporal as publicações dos últimos 10 anos nos idiomas português, inglês e espanhol.



## RESULTADOS/DISCUSSÃO

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2023), os tumores ginecológicos mais comuns no Brasil são os de colo uterino, corpo do útero e ovário, responsáveis pela segunda, terceira e quarta posição quanto ao número de casos, para o ano de 2023. Portanto, representados por uma porcentagem de 7,0; 3,2 e 3,0, respectivamente, perdendo apenas para os tumores mamários que ocupam a primeira posição.

O câncer de colo de útero, que ocupa posição de destaque, é conceituado pela multiplicação excessiva e desordenada do epitélio que reveste o útero, afetando a estrutura tecidual com capacidade de acometer outros órgãos e tecidos. Além disso, existem duas classes de carcinomas importantes de acordo ao epitélio prejudicado: o carcinoma epidermóide com aproximadamente 90% dos casos afetando as células escamosas, e o adenocarcinoma, afetando o epitélio glandular, mais incomum (INCA, 2023).

É válido ressaltar que a principal causa para o desenvolvimento da neoplasia do colo uterino é a infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), que é uma infecção sexualmente transmissível. Ademais, dentre os 13 tipos de HPV oncogênicos, apenas o tipo viral 16 e o 18 possuem maior risco para desenvolverem lesões precursoras cervicais, estas que quando não tratadas evoluem para lesões malignas no decorrer dos anos (Wild; Weiderpass; Stewart, 2020).

Nessa perspectiva, para Santos e colaboradores (2023), o câncer de colo de útero é o mais prevalente dentre as neoplasias do aparelho reprodutor feminino, sendo responsável por uma taxa de 7,0% no Brasil, com as maiores incidências apresentando-se na região norte e nordeste, podendo ser justificada pelas condições de saúde, higiene e exposição a vírus serem mais facilitadas nessas regiões devido a precariedade de acesso aos serviços de saúde pela distância e dificuldade de acessibilidade.

Seguindo as taxas de incidência das neoplasias, os cânceres do corpo do útero é o segundo mais comum, podendo originar-se em diferentes partes do órgão, sendo o mais prevalente no endométrio, que reveste a internamente o útero. Acometendo, principalmente mulheres na pós-menopausa, com idade média de 60 anos e raça/cor negra (Ramirez; Salvo, 2022).



O sintoma mais comum do câncer do corpo uterino é um sangramento vaginal fora do período de menstruação ou pós-menopausa. Possui, dentre os fatores de risco, os hábitos de vida como a obesidade. Seu estadiamento geralmente é cirúrgico com histerectomia total, juntamente com quimioterapia ou radioterapia, a depender do prognóstico da doença (Lucena, 2021).

Por fim o câncer de ovário que é o mais letal ocupando a sétima posição de óbitos em mulheres. Dessa forma, no Brasil são registrados aproximadamente 6.000 novos casos anuais, sendo que quando diagnosticado mais de 50% dos casos já apresentam metástase (Vaz; Ronchi, 2018; INCA, 2023).

Desse modo, o tumor de ovário possui dificuldade de diagnóstico precoce, principalmente através do exame clínico, devido à localização anatômica do órgão. Cerca de 75% das mulheres possuem um diagnóstico tardio e com manifestações clínicas avançadas, por esse motivo há um número elevado de mortalidades decorrentes desse agravo, pois geralmente em estágios iniciais ele é assintomático. Ainda, destaca-se que ele é oriundo de mutações genéticas geradas no DNA juntamente a falhas no processo de reparo tecidual, gerando uma expansão descontrolada. (Vilar *et al.*, 2018; Borda; Veja, 2017).

## CONCLUSÕES

Em síntese, percebe-se que a detecção precoce é crucial para o manejo eficaz dos cânceres ginecológicos, assim as práticas de educação em saúde e vacinação contra o HPV como também a busca ativa da Atenção Primária a Saúde de mulheres que não realizam periodicamente o preventivo, desempenham papéis importantes na redução da incidência.

Ainda, é válido ressaltar que os estudos epidemiológicos são bases cruciais para o desenvolvimento de políticas públicas visando melhoria do acesso de serviço a população. Entretanto, observa-se a necessidade de mais estudos voltados para o rastreamento de cânceres que não são prevenidos por meio da vacinação, elucidando que as medidas atuais não são suficientes para detecção e rastreamento precoce.



## REFERÊNCIAS

BORDA, C. C.; VEGA, C. Aplicação da técnica de sequenciamento em célula individual na fisiopatologia do câncer. **Atas de Ciências da Saúde**, v. 5, n. 1, p. 23–34, 2017.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER. **Cancer today**. Lyon: WHO, 2020. Disponível em: <https://geo.iarc.fr/today/home> Acesso em: 15 ago. 2024.

INCA. Instituto Nacional do Câncer. Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional De Câncer, 2023.

\_\_\_\_\_. (2023). Estimativa 2024: Incidência de Câncer no Brasil e a sua Relevância para a Saúde Pública. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/estimativa-2024>.

\_\_\_\_\_. Síntese de Resultados e Comentários. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional De Câncer, 2023.

LUCENA, L. H. S. *et al.* **Perfil de mulheres com câncer de endométrio acompanhadas em um hospital de referência de Pernambuco: estudo coorte**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Medicina). Faculdade Pernambucana de Saúde. 2021.

RAMIREZ, P. T.; SALVO, G. Câncer endometrial. Manual MSD. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/ginecologia-e-obstetr%C3%ADcia/neoplasias-ginecol%C3%B3gicas/c%C3%A2ncer-endometrial>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SANTOS, M. D. O. *et al.* Estimativa de Incidência de Câncer no Brasil, 2023-2025. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 69, n. 1, 2023.

VAZ, F. B.; RONCHI, D. I. Perfil epidemiológico dos casos de neoplasias de ovário diagnosticados em um laboratório de patologia do sul do estado de santa catarina no período de julho de 2008 a julho de 2011. **Arquivos Catarinenses De Medicina**. v. 47, n. 1, p. 11–20, 2018. Recuperado de <https://revista.acm.org.br/index.php/arquivos/article/view/209>.

VILAR, L. M. G. S. *et al.* Preservação da fertilidade em mulheres com câncer de ovário. **Revista Brasileira De Inovação Tecnológica Em Saúde**. v. 8, n. 1, 2018.

WILD, C. P.; WEIDERPASS, E.; STEWART, B. W. (ed.) **World cancer report: cancer research for cancer prevention**. Lyon, France: International Agency for Research on Cancer, 2020. Disponível em: <http://publications.iarc.fr/586>. Acesso em: 15 ago. 2024.